



Volume 1, Outubro-dezembro de 2005.

E AGORA, JOSÉ? ou É AGORA, JOSÉ!

Por Humberto Calloni*

É incrível como a banalização do debate político pela mídia tornou-me paranóico! Eu acabara de dar um título a este comentário quando me deparei que sequer posso me apropriar do famoso Drummond de Andrade, o poeta de Itabira, e de sua conhecidíssima poesia “José” - roubando-lhe publicamente, é claro, algo de sua poesia - mas acrescentando, à guisa de originalidade pundonorosa, a alternativa “É agora, José!”

O que é político (a política) não está colonizado apenas pela atividade econômica desde que o mundo é mundo e desde que nós somos *sapiens-sapiens-demens*, mas também pela paranóia... Cheguei a esta conclusão não sem antes pesquisar, exaustivamente, os nossos ancestrais primatas mamíferos, *homo sapiens-sapiens* e que agora descobrimos, sem que isso nos causasse qualquer furor, que somos mais do que *sapiens-sapiens*, mas *homo sapiens-sapiens-demens*.

Desde a pré-história, segundo minha pesquisa - e o rigor metodológico não me deixaria enganar-me -, a economia esteve associada umbilicalmente à política. Ou seja, a economia (a lei da casa, da morada) sempre teve como inquilino, a política, para o bem ou para o mal.

Quando, hoje em dia, dizemos que a política está colonizada pela economia isso tem, evidentemente, um valor hermenêutico muito mais peculiar, muito mais incômodo e, ao mesmo tempo, muito mais constrangedor, dada a sua veracidade. É peculiar, porque a origem da palavra – *peculiu*, do latim - já dá mostra de acúmulo de bens, de dinheiro, algo de particular e cumulativo. É incômodo, porque desvenda uma relação de unidade e dependência mútuas e que, ao longo da história e da *hiper-história* atual, foi dissociada, para o melhor controle dos poderes econômicos. É constrangedor, porque, exatamente, incomoda desanuviarmo-nos do encantamento da fala política, a mesma que parece ter o dom de construir realidades insólitas e que assumimos como verdadeiras desde sempre.

Ora, quando eu *dei* o título a este comentário, fruto de minha investigação – arqueológica, fiquei perplexo e sem saber que rumo dar às minhas anotações. E perplexidade significa isto: indecisão. Mas a par da perplexidade, da indecisão, algo de fundo sociológico – digamos, psicossocial - me estremeceu, me assustou, me paralisou! Era a paranóia!

O político havia se revelado paranóia para mim, está claro. Pois como, de que maneira, com que consciência puramente *sapiens-sapiens* eu poderia ajuizar, sem mais, um discurso com o título “*E agora, José? Ou É agora, José!*”, sem que esse tal de “José”, de todo inocente, de todo povo, de todo humilde, de todo simples e

abandonado, saído, inspirado e inspirador da poesia de Drummond de Andrade, não fosse “o outro” José?!

Eu tinha a franca convicção de dar vazão a um pensamento inédito ao meu arrazoado, ou seja, eu queria – afora a falta de originalidade do próprio título! – descrever, pormenorizadamente, o meu estafante trabalho entregue à autópsia do ser humano no presente estágio (é estágio mesmo... que, aqui, significa fase, época, período, etc.) de desenvolvimento de suas habilidades mentais e, conseqüentemente, sociais, culturais, afetivas e assim por diante... Eu queria falar do José, do José - Povo. Atrever-me-ia suscitar a sua *arqueologia*, a sua genética, a sua *fenomenologia* e a sua capacidade de transcendência face o real. Eu queria construir e entregar um trabalho relativamente robusto ao meu provável leitor; eu queria, enfim, surpreender a descolonização da economia sobre a política, criando uma categoria *à priori* que resolvesse o impasse entre o econômico e o político, ao longo da pré-história, história e *hiper-história* humanas. Ou seja, eu tinha *quase certeza* de que eu poderia acrescentar algo de original, autêntico, umbilical à minha prosopopéia hermenêutica dos estádios anteriores à civilização do abate, do consumo e da futilidade das opiniões éticas dos programas de televisões da atualidade, da contemporaneidade, como são o caso do Faustão, Gugu Liberato e outros do gênero. Mas, igualmente, e ao mesmo tempo, sugerir que “*E agora, José? ou É agora, José!*” não fosse subsumido, enquanto título, pela vanguarda ensandecida pela defesa do realismo filosófico do medievo, cujos debates acerca d’os *universais* (antanhos debates sobre o *realismo* e o *nominalismo*) não estão absolutamente resolvidos. Fora isso (que de fato, foi o que menos me preocupou, não somente pela nomenclatura exegética de todo irresponsável, mas também e, principalmente, pela incúria no uso das palavras), resolvi abandonar tal projeto enquanto Projeto (em respeito ao *realismo* dos *universais*, que define projeto enquanto Projeto existente desde sempre, algo como *natura naturata*) e, ao mesmo tempo, me consagrar a expedientes de ordem *sapiens-demens*, cuja atualidade se constitui numa das mais complexas experiências em relação à pré-história que investiguei sofregamente.

Pois quando assisti, pela televisão – mesmo com minhas reservas estioladas pelos demais meios de comunicação de massa - ao programa da Hebe Camargo promovendo um debate político sobre o “outro” José, não tive dúvida que o José do meu arrazoado seria interpretado como sendo o “outro” José. Ou seja, nada-a-ver, como dizem, com o meu bom José, o José-Povo, o José inspirado e inspirador do poeta de Itabira! Daí a paranóia!

De chofre, a minha paranóia não me permite *apostar em nada*. O *político* se apossou da mídia e esta pode, sem querer, manipular a minha real intenção.

Por tudo isso eu não posso, não devo, aliás, não consigo escrever *nada* sobre um título que, em si mesmo inocente, possa confundir os meus prováveis e respeitáveis leitores. Detesto confusão, assim como detesto ser mal-interpretado. Sendo assim, então, de fato nada escreverei sobre o meu ingênuo título “*E agora, José? Ou É agora, José!*”, enquanto persistir a minha paranóia.

* Professor de Filosofia da Furg.